

ESCRITAS DE SI NO ESPAÇO URBANO: A SUBJETIVAÇÃO DA CIDADE EM AMARA MOIRA E GEOVANI MARTINS¹

*Leandro Souza Borges Silva*²

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

*Ricardo Oliveira de Freitas*³

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Universidade Estadual da Bahia (UNEB/Campus I)

Resumo: Ao estabelecer discussões acerca da subjetivação do espaço urbano na linguagem literária, a presente proposta em desenvolvimento visa refletir sobre as relações entre escritas de si e cidade, objetivando-se, portanto, em analisar como o *espaço biográfico* se articula ao *espaço urbano* nas obras *E se eu fosse puta* (2016), de Amara Moira, e *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins. Nesse sentido, amparando-se em análise de cunho bibliográfico, esta proposta privilegia a noção de *espaço biográfico* (ARFUCH, 2010), *espaço urbano* (GOMES, 2008), *escrita homoerótica* (BARCELLOS, 2006) e *escrita marginal* (NASCIMENTO, 2006). Desse modo, considera-se relevante refletir sobre a subjetivação do espaço urbano em produções literárias (auto)biográficas escritas por sujeitos à margem que, ao agregar arte a protesto, desestabilizam os discursos oficiais. Nesse sentido, entender a literatura enquanto instância social, história e política implica compreender suas múltiplas formas de manifestação, dentre as quais se encontra não apenas a produção de grandes escritores, mas também a expressão de sujeitos à margem que enunciam perspectivas dissonantes.

Palavras-chave: Espaço urbano. Espaço biográfico. Subjetivação.

¹ Pesquisa de mestrado, em caráter de desenvolvimento, inserida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGLLR), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGLLR), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), atuando na linha de *Literatura e Cultura: Representações em Perspectiva Interdisciplinar*. Bolsista CAPES. Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas, também pela UESC. **E-mail:** leandroborges@hotmail.com

³ Orientador dessa pesquisa, é Professor Titular Pleno da UNEB/Campus I, Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos das Linguagens - PPGEL/UNEB e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações/UESC. Possui Graduação em Artes pela UFRJ (1992), Mestrado em Comunicação e Cultura pela UFRJ (1995) e Doutorado em Comunicação e Cultura pela UFRJ (2002). Realizou Pós-Doutorado em Estudos Culturais e Mídia, pelo IACS/UFF, com bolsa CNPq (2003), e em Estudos Culturais, pelo Programa Avançado em Cultura Contemporânea - PACC/UFRJ, também com bolsa CNPq (2009) **E-mail:** ricofrei@gmail.com

Considerações Iniciais

O espaço urbano, em sendo âmbito permeado por territorialidades múltiplas, diversas e heterogêneas, é imbuído por sujeitos em trânsito que demarcam a cidade enquanto lócus de significação e experiências. Dessas vivências na metrópole, são percebidas expressões conflitantes decorrentes de contradições sociais ainda pungentes, de modo que os sujeitos presenciam o cotidiano e lhe atribuem significações específicas. Refletir sobre o espaço urbano e vivências implica pensar, desse modo, em biografias da cidade, em expressões que subjetivam a metrópole e atribuem-na figurações desestabilizadoras dos discursos oficiais, a fim de trazer à tona perspectivas dissonantes e reivindicativas. Enquanto dimensão na qual são percebidas tais contradições de ordem social, nota-se no espaço urbano personalidades periféricas historicamente recalcadas que se apropriam da literatura e outros meios de expressão para protagonizar seu lugar de fala, num vínculo entre arte e protesto.

Entende-se, a partir disso, que as narrativas de si na cidade escritas por sujeitos marginalizados se constituem um campo abrangente de reflexão, haja vista que o tema predominante na literatura brasileira contemporânea transpassa o cenário urbano, na qual vivências heterogêneas significam e são significadas por influências plurais. Partindo dessa compreensão, tem-se o objetivo de analisar como o espaço biográfico se articula ao espaço urbano nas obras *E se eu fosse puta* (2016), de Amara Moira e *O sol na cabeça*, de Geovani Martins (2018).

Esta discussão aborda as postulações de Leonor Arfuch, autora de *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (2010), no qual reflete sobre o status do campo biográfico atual, entendido enquanto instância que abrange múltiplas formas e variadas esferas de comunicação. Partindo das considerações de Arfuch, pode-se dizer que esse campo heterogêneo é composto, por exemplo, pelo relato autobiográfico de Amara Moira e a coletânea de contos de cunho autobiográfico de Martins, mesmo que ambas as narrativas não sejam contempladas nas delimitações tradicionais do gênero biográfico e/ou autobiográfico.

Em *E se eu fosse puta*, as travestis se efetivam enquanto dissidência sexual que é desejada explicitamente apenas ao anoitecer, nos becos, ruas e vielas específicas da cidade. Presença inapropriada em locais ditos oficiais, estes mesmos corpos são repudiados explicitamente na luz do dia. De modo similar e, porém, específico, em *O sol na cabeça* percebe-se que os sujeitos periféricos ou, politizando o termo, sujeitos favelados, vivenciam cotidianamente os embates oriundos de uma estrutura social excludente que segrega às

periferias camadas marginalizadas. O morador da favela, nesse sentido, se configura como um corpo estranho nas localidades não-periféricas, culminando em experiências permeadas de racismo, discriminação e opressão. A circulação desse sujeito periférico em espaços oficiais da cidade só é normalizada em territorialidades que mantêm e reforçam sua contínua subalternização, a exemplo da aceitação desses indivíduos apenas em funções e atividades empregatícias de baixa remuneração e escassa progressão.

Esses embates e contradições que se amparam no espaço urbano são discutidos por Renato Cordeiro Gomes em *Todas as Cidades, a Cidade - Literatura e Experiência Urbana* (2008); o autor comenta o cenário literário moderno enquanto espaço permeado por heróis inadaptados e marginais que reagem à atrofia vivencial. Nessa direção, a produção de Amara Moira e Geovani Martins se insere no campo da literatura brasileira contemporânea, cujo cenário é essencialmente urbano (DALCASTAGNÈ, 2003), sendo as grandes cidades territórios de diferentes problematizações. Ao analisar como se estabelece a articulação entre *espaço biográfico* e *espaço urbano* nas obras literárias supracitadas, pretende-se questionar a hegemonia literária vigente, pondo em evidência as assimetrias que se alocam nos fluxos culturais, conforme defende Abdala Júnior (2014).

Considerando o espaço urbano enquanto dimensão imbuída de instâncias não apenas sólidas e estruturais, mas também transpassada por elementos sócio-históricos, discursivos e heterogêneos, nota-se que as subjetividades atribuem à cidade diferentes configurações que, ao se amparar na espacialidade, denotam perspectivas específicas. Em se tratando das representações da cidade feitas por grupos sociais diferentes, percebe-se que as camadas excluídas ou segregadas socialmente vivenciam no espaço urbano os antagonismos, violências e discriminações. No romance *E se eu fosse puta*, de Amara Moira, por exemplo, constata-se que o texto notadamente autobiográfico destaca as ruas, becos, vielas e periferias da cidade para salientar as vivências de corpos transgressivos e não-normativos. Enquanto travesti, Amara Moira assume sua sexualidade dissidente e retrata o espaço periférico enfocando a violência, dores e desafios numa conjuntura urbana heteronormativa.

Em *O sol na cabeça*, coletânea de contos de Geovani Martins, os textos notadamente (auto)biográficos suscitam imagens da favela que adquirem tons próprios ao escancarar as vivências de subjetividades que estão não apenas à margem do espaço urbano, mas também da estrutura social. O sujeito periférico antagoniza a metrópole em contraposição à periferia para elucidar os mecanismos de segregação e discriminação que se evidenciam nos espaços

conservadores, a exemplo do racismo que moradores da favela sofrem ao transitar nos espaços urbanos não-periféricos.

Nesse sentido, compreende-se que as territorialidades são subjetivadas por esses escritores que escancaram as contradições sociais, haja vista que é na espacialidade concreta – a cidade – em que os discursos de exclusão e discriminação são empregados, cerceando os direitos e espaços simbólicos daqueles que recebem “valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 20).

Partindo da valoração negativa atribuída às alteridades oprimidas, tem-se a hipótese de que a escrita (auto)biográfica de Amara Moira e Geovani Martins desvela o espaço urbano, significando-o com nuances específicas que elucidam os processos de opressão e violência. Assim, defende-se a hipótese de que as obras literárias *E se eu fosse puta* e *O sol na cabeça* permitem repensar os espaços, evidenciando subjetividades dissidentes que enunciam seu lugar de fala com vias a escancarar as desigualdades que se amparam nos espaços periféricos e não-periféricos da cidade. Partindo desses pressupostos, o objetivo dessa discussão, ainda em desenvolvimento, é analisar como o *espaço biográfico* se articula ao espaço urbano periférico nas obras *E se eu fosse puta*, de Amara Moira e *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, destacando a linguagem literária e seus processos de subjetivação.

A subjetivação do espaço urbano pela literatura: Abordagens teóricas

Entender a literatura enquanto instância social, história e política implica compreender suas múltiplas formas de manifestação, dentre as quais se encontra não apenas a produção de grandes escritores, mas também a expressão de sujeitos à margem que enunciam perspectivas dissonantes. Nota-se, a partir disso, que a produção literária, em larga escala, se efetua enquanto um campo de tensão na qual podem ser notadas perspectivas dissidentes e reivindicatórias. Por esse viés, percebe-se que é no âmbito da literatura brasileira contemporânea que tais dissidências se manifestam, a exemplo dos relatos de cunho autobiográfico *E se eu fosse puta*, escrito por Amara Moira. Nesse livro, o cotidiano repressor e violento das travestis é escancarado, de forma a expor os antagonismos sociais que se amparam no espaço urbano. Esse disparate social também é evidente na coletânea de contos *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, na qual narrativas fictícias adquirem notações autobiográficas ao remeter às vivências de sujeitos periféricos, moradores de favelas e

subúrbios. A relação entre espaço biográfico e espaço urbano são suscetíveis de análise a partir desse corpórea.

Para isso, faz-se importante mobilizar concepções que discutam o campo literário enquanto área heterogênea e conflitante. Em *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, Compagnon (1999) ressalta a literatura enquanto dimensão que pode contribuir para a ideologia dominante, mas que também pode subverter e questionar estruturas hegemônicas e totalitárias. Nessa discussão, encontra-se a definição do *artista maldito*, tido como aquele que se expressa com vias a desestabilizar a ideologia dominante, rasurando premissas cristalizadas e inserindo no campo cultural perspectivas dissonantes. O artista maldito, segundo Compagnon, desafia o consenso para produzir a ruptura, possibilitando novas visões e maneiras de conceber a realidade. Compreende-se, a partir disso, que ao canalizar as vozes sociais para seu discurso, conforme endossa Bakhtin (2002), o escritor encontra possibilidades de produzir a dissensão e a ruptura. Segundo o filósofo e pensador russo, podem ser percebidas na literatura “forças histórico-reais do porvir verbal e ideológico de certos grupos sociais” (BAKHTIN, p. 81), na qual múltiplas vozes sociais são trazidas à tona.

O escritor canaliza para sua escrita as vozes sociais, mesmo que sua obra possua teor autobiográfico. No que diz respeito a esse gênero, pode-se dizer que a autobiografia está inserida no campo do Espaço Biográfico. Em *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*, Leonor Arfuch define o espaço biográfico enquanto instância permeada pela multiplicidade de gêneros e plataformas, em que figuras do “eu” são amparadas por elementos tanto literários quanto midiáticos. O espaço biográfico é entendido como um campo que compõe narrativas diversas, de modo que gêneros tradicionais como as confissões, autobiografias, memórias e diários íntimos diluem-se para manifestar-se em outras modalidades de comunicação. Com esse entendimento, torna-se plausível abordar *E se eu fosse puta* e *O sol na cabeça* não apenas enquanto obras autobiográficas, mas enquanto textos que estão inseridos no espaço biográfico contemporâneo, cujo campo abrange variadas esferas de comunicação:

O espaço biográfico assim entendido – confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa – supõe um interessante campo de indagação. Permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas de comunicação e da ação (ARFUCH, 2010, p. 59).

É nesta dimensão relacional que se ampara a abrangência do espaço biográfico, alargando os campos de análise para outros horizontes. Para além do conceito geral de espaço biográfico, é pertinente delimitar a definição de autobiografia, entendida como “um relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando sua vida individual, particularmente a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 14). Além disso, faz-se pertinente endossar que o reconhecimento do texto autobiográfico se dá por meio do *pacto autobiográfico*, compreendido como um acordo feito entre público e autor, legitimando a veracidade dos fatos. Esse pacto entre o autor e o leitor implica reflexões sobre os limites que separam o texto autobiográfico do texto autoficcional, haja vista os processos subjetivos que envolvem as escritas do eu, pois até mesmo em relatos autobiográficos “o narrador é outro, diferente daquele que protagonizou o que vai narrar [...]”. Esse caráter subjetivo da escrita atribui à autobiografia uma vantagem, pois possibilita que o autor estabeleça uma “confrontação rememorativa entre o que era e o que chegou a ser, isto é, a construção imaginária de si mesmo como outro” (ARFUCH, 2010, p. 55).

Em *Escritas de si* (1992), Michel Foucault faz um breve percurso acerca desse gênero para endossar que as escritas do eu, em suas manifestações mais antigas, tinham o objetivo de desvelar os movimentos interiores, de expurgar sentimentos e angústias. Essa concepção se vincula à *confissão*, entendida enquanto ato de prostrar-se em frente ao padre ou bispo e revelar, plenamente, todos os movimentos da alma, a fim de confessar seus pecados (FOUCAULT, 1992). Tal definição, segundo o pensador francês, vincula-se fortemente ao contexto religioso, em que a escrita dos movimentos interiores

surge também, segundo o texto de Atanásio, como uma arma do combate espiritual: uma vez que o demônio é um poder que engana e que faz com que nos enganemos sobre nós mesmos [...], a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo (FOUCAULT, 1992, p. 131).

Entende-se, portanto, que o entendimento atual sobre as escritas de si recebe influência desse contexto religioso, permitindo a compreensão das escritas do eu enquanto processo no qual o sujeito externa seus profundos sentimentos, expressando-se com vias a expurgar elementos negativos de seu interior. Em sentido geral, pode-se afirmar que Amara Moira escreve para expressar os conflitos e embates que estão presentes em seu cotidiano enquanto travesti, haja vista que seu livro é fruto da reunião de textos escritos em forma de diário. Da

mesma maneira, alguns contos de Geovani Martins adquirem caráter autobiográfico ao tematizar os conflitos e vivências dos moradores das favelas, ressaltando elementos singulares da periferia. Essas obras de teor autobiográfico, portanto, podem ser tematizadas sob os pressupostos de espaço biográfico, de Leonor Arfuch; e escritas de si, de Michel Foucault.

Ao partir do pressuposto de que essas narrativas autobiográficas se alocam na cidade, pode-se estabelecer um vínculo entre espaço biográfico e espaço urbano, de modo a refletir sobre como essas duas instâncias dialogam. Néstor Garcia Canclini (2008) afirma que a relação com a cidade não se efetua apenas por meio de mapas e GPS, mas também por fenômenos de ordem emocional e mental que variam de acordo com as formas em que o sujeito experimenta as interações sociais. Nesse sentido, o espaço urbano não é entendido apenas enquanto instância objetiva, lógica e estrutural, mas enquanto lócus subjetivo, sensitivo e experimental, de modo que o sujeito significa e é significado pela cidade, inscrevendo-se no espaço urbano por meio de sua atuação nas localidades em que transita.

Entender esse espaço como lócus de subjetivação possibilita entendê-lo como um ambiente heterogêneo, diverso e múltiplo, haja vista que a cidade é composta igualmente por sujeitos múltiplos, cujas experiências configuram a cidade de maneira diversa. Tendo em vista a heterogeneidade que permeia o território urbano, entendê-lo como um campo de tensão corrobora para pensá-lo enquanto numa instância que demarca posições sociais antagônicas, sendo esse espaço transpassado por relações de força que se instauram tanto em ambientes públicos quanto privados. Abordar a cidade implica, além disso, enxergá-la apenas em suas facetas parciais, haja vista que esse âmbito diverso impossibilita tematizar a cidade em sua totalidade, conforme ressalta Canclini:

Cada habitante usa as zonas da cidade de que necessita e tem conjecturas sobre aquilo que não vê ou não conhece. A fragmentação das experiências registrada nos estudos sobre diversidade cultural urbana torna evidente que não há saberes totalizadores. Nem o prefeito da cidade, nem o melhor especialista em planejamento urbano têm uma visão em profundidade do conjunto; mas chama a atenção, de vez em quando, que no desenvolvimento comunicacional apareçam simulacros de totalização (CANCLINI, 2008, p. 21).

Constituindo-se de espaço culturalmente diversificado, a cidade se efetua numa rede ampla em que saberes, experiências e vivências formam o conjunto urbano, de modo que sua heterogeneidade impossibilita apreender a cidade em sua totalidade. A partir dessa premissa, analisar como o espaço urbano é subjetivado em *E se eu fosse puta* e *O sol na cabeça* implica

efetuar um recorte de mão dupla, delimitando-se em abordar (1) como a cidade é subjetivada pelas travestis e (2) de que forma esse território urbano é subjetivado por sujeitos periféricos. Essa delimitação deve-se ao fato de que escrever a cidade é lê-la, configurando uma textualidade que se firma a partir da perda, do descompasso e da diferença (PETRILLO, 2017). Essa diferença que se ampara no texto evidencia as dissidências presentes na cidade e, conforme Dalcastagnè (2003), permite compreender o modo como os excluídos representam os contornos urbanos.

O espaço urbano se efetiva enquanto território de tensão e embate no qual forças sociais de variadas modalidades se encontram em intenso processo dialógico em que significações e experiências são cambiadas em manifestações conflitantes e díspares. A distinção que se faz entre espaço público e privado é institucionalizada para demarcar a circulação e a não-circulação de indivíduos em determinado local, bem como a separação que se faz entre cidade e favela relega o espaço suburbano como se este não pertencesse ao território citadino. Esse processo de distinção e separação que se ampara no espaço físico é legitimado por discursos segregacionistas cujas bases são ideológicas, históricas e políticas. A subjetivação do espaço urbano – ou melhor, a subjetividade desse espaço – é discutida não apenas por correntes das ciências humanas e estudos culturais, pois também entre “os arquitetos e urbanistas dedicados à história urbana, as cidades passavam a ser compreendidas não apenas como artefatos construídos, seu atributo mais intrínseco, mas também como campo de conflitos e de significações” (CASTRO, 2016, p. 108).

Em sendo território de conflitos e de significações, compreende-se que o indivíduo se inscreve na cidade de modo a ressignificá-la conforme seu lugar social. A esse processo de ressignificação Canclini chamou de desterritorialização que, no segmento da representação, culmina na reterritorialização do espaço:

A desterritorialização gera, assim, fortes tendências para a reterritorialização (a literatura revela claramente essa tensão), representadas por movimentos sociais que afirmam o local, ou ainda por processos da comunicação de massa, engendrando diferenças e formas locais de arraigamento (Canclini: 48) [...] Se, como acrescenta o antropólogo argentino, o espaço urbano é o lugar privilegiado de intercâmbio material e simbólico do habitante citadino, também se verifica aí uma distribuição desigual desse capital simbólico, parte da agudização das contradições e desigualdades internas das cidades (CANCLINI, p. 48, s. d apud GOMES, 1999 p. 21).

Pode-se afirmar, com isso, que movimentos sociais dissidentes podem desterritorializar o espaço, significando-o de outra maneira, com vias a reterritorialização, culminando na desestabilização de representações arraigadas. Nessa perspectiva, o intercâmbio material e simbólico que se efetua na cidade contribui para reflexões acerca das desigualdades que se pautam nesse território, haja vista a eminente desigualdade presente no espaço urbano. Ao porem em pauta o fenômeno literário, Renato Cordeiro Gomes e Néstor García Canclini corroboram com as postulações de Sandra Jatahy Pesavento que, em *O imaginário da cidade: Visões literárias do ambiente urbano* (2002), ressalta que o espaço citadino, em sua materialidade imagética, se estabelece como um dos suportes da memória social da cidade. Tal memória social, ao adquirir materialidade em produções literárias, expõem significações da cidade que podem desvelar nuances contraditórias e desiguais a respeito da organização/subjetivação do espaço urbano.

Em *A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade* (2002), Tânia Pellegrini ressalta que a inscrição do urbano na literatura funciona como tradução do *lugar da opressão*. Assim, a autora enfoca esse lugar de repressão enquanto instância que se instaura em diversos níveis, dentre os quais o “social, traduzindo a exclusão da maior parte dos indivíduos do sistema que ela representa; político, traduzindo a centralização do exercício de poder; ideológico, traduzindo a reiteração constante de normas e valores que oprimem o sujeito [...]” (p. 369). Nota-se, a partir disso, que a cidade se apresenta enquanto um campo conflitante que desvela as incongruências de ordem social, política e ideológica.

A experiência urbana, nesse sentido, é transpassada pelos antagonismos que se materializam nos espaços públicos e privados, evidenciando os traços de segregação e discriminação socioespacial. Em *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana* (2008), Renato Cordeiro Gomes enfatiza o espaço urbano contemporâneo como “lugar da experiência de ser estranho no mundo, de estar sob o signo da precariedade e do desamparo, cujos heróis são os inadaptados, os marginais, os rejeitados que reagem à atrofia da experiência” (p. 69). Ao efetuar uma correlação desse pressuposto teórico e os textos literários, pode-se afirmar que nos livros de Amara Moira e Geovani Martins são evidentes as expressões que escancaram essa atrofia da experiência, no qual são desvelados a precariedade e o desamparo de sujeitos relegados à marginalidade.

Em *E se eu fosse puta*, por exemplo, a relação que as travestis estabelecem com o espaço urbano é sempre permeado pela opressão social que cerceia o trânsito desses indivíduos, segregando-os aos becos, ruelas e periferias da cidade. No entanto, apesar da

limitação dos espaços, esses sujeitos transgredem as normas ao circularem em outras localidades, desafiando os preceitos e discriminações de ordem cultural. *Em Literatura e homoerotismo em questão* (2006), José Carlos Barcellos ressalta que a cultura gay é um fenômeno tipicamente urbano gerida no desenvolvimento das grandes cidades:

O espaço urbano é, pois, um espaço da visualidade, em que tudo se converte num espetáculo para os olhos, ao mesmo tempo em que se desenvolvem várias estratégias de proteção à intimidade individual, que dificultam a conversa e o contato com estranhos. Ora, a sexualidade *gay*, como lembra Michael Warner, articula-se com frequência precisamente através da erotização do espaço público, pois, ao contrário da heterossexualidade, carece em larga medida de mediações culturais institucionalizadas (Cf. WARNER, 2000: 92ss). [...] Por carecer em boa parte de mediações culturais previamente estabelecidas e sancionadas, faltam também à cultura *gay* mediações discursivas de natureza verbal, típicas de qualquer cultura logocentrada. Daí a importância da visualidade e a preeminência do corpo como espaço de significação [...] (p. 236).

O relato autobiográfico de Amara Moira possibilita perceber os modos pelos quais as travestis se utilizam da visualidade, transformando seus corpos em espaços de significação. Nessa perspectiva, essa transgressão que se inicia na espacialidade corporal adquire notações subversivas e reivindicatórias ao se estabelecer na espacialidade metropolitana, de modo que impulsiona os “grupos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) a transformarem a orientação sexual em bandeira de militância política” (MARTINS, 2010, p. 248). Nos escritos de Moira, essa militância se efetua não apenas nas zonas periféricas da cidade, mas também em espaços oficiais e conservadores, evidenciando profícuas relações entre escritas de si e espaço urbano.

Percebe-se que as experiências decorrentes da vivência urbana adquirem configurações específicas ao serem transpostas para o discurso literário. Quando subjetivadas por sujeitos sexualmente dissidentes, a cidade adquire notações que ressaltam suas ambivalências e contradições, transpondo para os relatos autobiográficos dimensões não apenas individuais, mas também coletivas, pondo em evidência a múltipla rede de relações homoafetivas que se materializa na cidade. Em se tratando de sexualidades dissidentes, Antonio de Pádua Dias da Silva ressalta que:

A escrita de si emerge como uma produção bastante valorativa, porque em tempos de negociações estético-políticas as várias literaturas têm alcançado *status* antes não pensados porque confessa nas páginas da ficção o drama das

personagens homoafetivas, seus afetos, suas formas de amar, os desordenamentos libidinais, sexuais e de desejo (2016, p. 99).

Por conseguinte, a relação entre espaço biográfico e espaço urbano em *E se eu fosse puta* se efetiva nesse campo de negociações estético-políticas, no qual personagens homoafetivos enunciam sua identidade, seus afetos e suas maneiras de amar com vias a subjetivar a cidade não apenas enquanto espaço de opressão, mas também de expressão e legitimação de seus desejos. Nesse sentido, em sendo construção literária politicamente engajada, os escritos de Amara Moira podem ser abordados sobre a definição de *ativismo* (COLLING, 2018), prática na qual camadas segregadas e historicamente marginalizadas se apropriam de recursos estéticos para expressar seus dilemas, dores e reivindicações frente a uma conjuntura social ainda discriminatória e homofóbica.

Já em *O sol na cabeça*, o espaço urbano é subjetivado com vias a salientar a desigual distinção entre lugares periféricos e não-periféricos, haja vista que os personagens desse livro transitam em espaços centrais e suburbanos. Em alguns contos, a cidade se contrapõe à favela, como se ambas pertencessem a uma divisão institucionalmente legitimada. No entanto, através dos diálogos e interações entre os personagens, percebe-se que essa divisão é socialmente estabelecida, de modo que a narrativa denota os liames e sinuosidades de atos implicitamente discriminatórios e racistas. Quando não de forma implícita, o preconceito é desvelado de maneira plenamente explícita na ilustração de situações que descrevem as experiências, o cotidiano e a violência presenciada pelos moradores das favelas.

A representação literária de conjunturas desprivilegiadas, apesar de recorrente na literatura brasileira, adquire configurações específicas no cenário contemporâneo, tendo em vista que realidades periféricas têm sido representadas por sujeitos oriundos desses contextos. No entanto, conforme ressalta Regina Dalcastagnê (2007, p. 18), “[...] o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão. Nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média – e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens”. Geovani Martins, tal qual Amara Moira, se estabelece como escritor que contraria a hegemonia ainda vigente no cenário literário atual, transgredindo o cânone para democratizar os meios de expressão. Os contos presentes em *O sol na cabeça*, nessa perspectiva, muito se assemelham à literatura marginal; sobre o termo marginal, Érica Peçanha salienta que

[...] marginal adjetiva aqueles que estão em condição de marginalidade em relação à lei ou à sociedade, possuindo, portanto, sentido ambivalente: assim como se refere, juridicamente, ao indivíduo delinqüente, indolente ou perigoso, ligado ao mundo do crime e da violência; aplica-se, sociologicamente, aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como pobres, desempregados, migrantes ou membros de minorias étnicas e raciais, tendo como sinônimo, neste último caso, o adjetivo marginalizado (2006, p. 11).

A maioria das narrativas presentes no livro em questão ressaltam tanto as vivências de sujeitos marginalizados juridicamente quanto sociologicamente, corporificando no texto expressões que materializam a condição de subalternização desses indivíduos. Os contos do autor carioca apresentam características típicas da Literatura Marginal produzida nos anos 80, cujo autor se destaca Ferrez, dentre outros; tais semelhanças possibilitam afirmar que Geovani Martins tece uma escrita contemporânea de teor marginal. Nesse sentido, ao partir da premissa que “toda investigação científica é contextualmente localizada e subjetivamente produzida” (GOMES, 2009, p. 419) pretende-se analisar como o espaço urbano é subjetivado pelos marginalizados, termo aqui apreendido em seu sentido sociológico, de modo a estabelecer uma “perspectiva crítica capaz de contraditar formulações discursivas hegemônicas”, conforme defende Benjamin Abdala Júnior (2014, p. 133).

O sujeito representado em alguns contos de Martins assume posição muitas vezes defensiva e inconformista, haja vista a segregação socioespacial que é ilustrada no livro. Assim, percebe-se que, tal qual Amara Moira, os contos do escritor carioca tende para representar a cidade em suas nuances contraditórias e antagônicas, suscitando reflexões sobre os processos não apenas sociais e históricos de exclusão, mas também acerca dos fatores econômicos que influem na vida desses sujeitos. Segundo Marielle Franco (2014), o neoliberalismo, por meio das privatizações e expansão do mercado, “indicam um reforço para o capitalismo nas grandes cidades, com características de especulação imobiliária e a expansão das favelas, do desemprego, informalidades e acirramento da violência urbana” (p. 89). Compreende-se, a partir disso, que a cidade se efetua enquanto lócus na qual pujam assimetrias de ordem social e econômica; tais assimetrias se amparam nas relações e interconexões entre espaços periféricos/não-periféricos e entre localidades públicas e privadas. Acerca disso, Heloísa Buarque de Holanda (2016) afirma que

a perspectiva de examinar o conjunto urbano como um todo, – procurando perceber a real interdependência entre os diversos polos da cidade –, poderia oferecer um viés mais confortável para a reflexão. Por exemplo, basta um

passeio nos teleféricos das favelas, especialmente no complexo do Alemão, onde se tem quase como que um plano aéreo da cidade, para que o observador veja, com a maior nitidez, a rede de articulações entre favela e asfalto [...].

Essa rede de articulações possibilita compreender a conjuntura urbana enquanto espacialidade híbrida e multifacetada, contrariando visões estanques que tornam absolutas a separação entre ambientes periféricos e não-periféricos. Entende-se a cidade em sua dimensão entrecruzada e interconectada, rede na qual as relações socioespaciais são cambiadas em contextos heterogêneos e ambivalentes. Por esses liames, os autores, conceitos e premissas brevemente discutidos nesta fundamentação irão possibilitar a análise de como o espaço urbano é subjetivado, efetuando-se uma profícua correlação entre espaço biográfico e espaço urbano, articulando-os à literatura homoerótica e a literatura de cunho marginal.

Considerações parciais

Efetuando-se numa abordagem em desenvolvimento, as discussões apresentadas se justificam por privilegiar produções literárias que rompem com os padrões canônicos que privilegiam ou são compostos por protagonistas homens, brancos, heterossexuais e membros da classe alta. Além disso, considera-se relevante discutir teórico-criticamente as expressões que enunciam o lugar de fala dos sujeitos marginalizados. Nesse sentido, ressalta-se a importância de protagonizar subjetividades historicamente excluídas e segregadas, impulsionando a ascensão das políticas de identidade, entendidas como práticas, atividades e ações que se objetivam em trazer à tona perspectivas que não se coadunam com visões oficiais.

Assim entendido, considera-se importante abordar produções literárias oriundas de espaços não-oficiais da sociedade, possibilitando que novas perspectivas sobre o fenômeno humano sejam notabilizadas a fim de rasurar a univocidade de discursos universais e homogêneos. Em se tratando de ressaltar a heterogeneidade inerente às produções literárias, o ato de atribuir protagonismo às vozes dissonantes das premissas elitistas se faz necessário, haja vista a contínua opressão imposta às camadas marginalizadas, como negros, indígenas, homossexuais, mulheres e outros grupos socioeconomicamente segregados. A configuração espacial do ambiente urbano, revela, portanto, as contradições de uma organização excludente que relega às periferias da cidade aqueles considerados diferentes e inferiores. Esses espaços

periféricos são permeados por sujeitos cujas vivências adquirem tonalidades muitas vezes conflitantes e complexas, pois lhes são negados espaços e territorialidades, evidenciando o histórico processo de segregação não apenas espacial, mas também cultural e discursivo.

Nessa conjuntura de exclusões e apagamentos, a literatura, enquanto lócus de expressões e amplas manifestações simbólicas, se efetua enquanto campo de abordagem analítica, haja vista que o fenômeno literário não apenas confirma um consenso, mas também produz o dissenso e a ruptura, inovando meios e conjunturas cristalizadas (COMPAGNON, 1999). Ao focar a ruptura e a dissensão, considera-se relevante focar obras literárias que desestabilizam as normas comuns para destacar a escrita de autores que se insurgem contra o cânone literário, reivindicando legitimidade cultural e democratização dos espaços. A literatura de temática homoerótica, por exemplo, desestabiliza o discurso oficial ao escancarar as vivências de sujeitos dissidentes que assumem posição subversiva perante atos discriminatórios e violentos, denunciando o entrelaçamento de discursos homofóbicos à heteronormativos. Igualmente subversiva e inovadora, a literatura periférica põe em cena indivíduos marginalizados que se conflitam com o racismo, a pobreza, a exclusão e a repressão policial, destacando a periferia enquanto campo de emancipação expressiva em contraposição à metrópole central.

Nessa perspectiva, ao focar as obras *E seu fosse puta*, de Amara Moira e *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, defende-se que a pertinência desta proposta está em privilegiar escritas que protagonizam sujeitos dissonantes, desvelando as estruturas mantenedoras de desigualdades e discriminações. É relevante, portanto, averiguar como os espaços são significados por sexualidades dissidentes, como as travestis, bem como esses espaços são subjetivados por sujeitos periféricos, como os moradores das favelas. Em ambos os casos, nota-se que a produção literária se efetiva enquanto caminho para a expressão artística e também enquanto ferramenta de denúncia, corroborando para o entendimento da literatura enquanto contradiscurso, tendo em vista que “se a literatura pode ser vista como contribuição à ideologia dominante, aparelho ideológico do Estado, ou mesmo propaganda, pode-se, ao contrário, acentuar sua função subversiva [...]” (COMPAGNON, 1999. p. 37).

Portanto, sendo obras que se pautam pelo seu teor subversivo, *E se eu fosse puta* e *O sol na cabeça* desestabilizam a univocidade da expressão literária tradicional para endossar novas formas de expressão que apresentam uma ótica transgressora e notadamente compromissada, corroborando para a construção de uma arte sócio-politicamente engajada que, nos dizeres de Compagnon, configura esses escritores como “artistas malditos”. O artista

maldito não produz apenas a ruptura e o dissenso, mas produz também premissas inovadoras que, quando não subvertem as formas oficiais de expressão, criam novas maneiras estéticas e culturais para se expressar.

Além disso, em se tratando de artistas que abrangem perspectivas plurais e heterogêneas, Amara Moira e Geovani Martins se efetuam enquanto sujeitos sócio-historicamente constituídos, cujas narrativas não deixam de tocar “os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação” (BAKHTIN, 2002, p. 86). Tecidos esses nos quais pode-se notar a tensão que se instaura no espaço urbano, onde discursos elitistas se conflitam com as alteridades dissonantes, que reivindicam direitos de transitar na cidade livres de coação e repressão.

Amara Moira e Geovani Martins, nessa perspectiva, se efetuam enquanto artistas malditos, pois incorporam em suas obras múltiplas vozes sociais, canalizando para seu romance expressões transgressivas que desvelam as fragilidades presentes nos âmbitos sociais, culturais e históricos. A motivação para a escolha dessas obras literárias deve-se a constatação de que esses livros se constituem um profícuo material para se analisar a cidade enquanto espaço de conflitos e contradições. Dessa forma, de teor fundamentalmente crítico-social, esta discussão aborda conteúdos concernentes aos Estudos Literários, numa alçada dialógica e interdisciplinar com outras áreas do conhecimento.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamim. Estudos literários e crítica política. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 12, p. 124-135, 2014.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**: A teoria do romance. 5. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

CANCLINI, Néstor García. Imaginários culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/desconhecimento. IN: COELHO, Teixeira (Org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, 2008, p. 15-31.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana, **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 99-120, 2016.

COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade, **Revista sala preta**, São Paulo, v. 18, n. 1, 2018.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea, **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 21, p. 33-53, 2003.

FOUCAULT, Michel. Escritas de Si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Organização e seleção de textos por Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FRANCO, Marielle. **UPP – A redução da favela a três letras**: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. Dissertação. (Mestrado em Administração) – Universidade Federal Fluminense, Niterói – Rio de Janeiro, 2014.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009, p. 419-441.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema, **Ipotesi: revista de estudos literários**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 19-30, 1999.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. Práticas de leitura periféricas: experiências literárias e políticas. IN: LIMA, Elizabeth Gonzaga de. et al. **Leitura e Literatura do Centro Às Margens**: Entre Vozes, Livros e Redes. São Paulo: Pontes, 2016, p. 101-109.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura marginal**: os escritores de periferia entram em cena, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MARTINS, Ferdinando. Cenas Paralelas: Do Arcaico ao Pós-moderno nas Representações do Gay no Teatro Brasileiro Contemporâneo. IN: COSTA, Horácio. **Retratos do Brasil Homossexual**: Fronteiras, Subjetividades e Desejos. São Paulo: Edusp, 2010.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. **Revista de Filologia Românica**, Madrid, v. 19, p.355-370, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PETRILLO, Regina Celia Pentagna. Desagregação e busca: a cidade na literatura brasileira contemporânea. **Saber Digital**, v. 1, p. 1-10, 2011.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Literaturas de língua portuguesa e homoafetividade – O aspecto político na ficção contemporânea. IN: CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCIA, Paulo César (Orgs.) **Homocultura e Linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2016, p. 79-106.